

Antagonismos de ideologia persistem

O presidente do Ibec, Walder de Góes, põe em dúvida a crença de que não existe mais direita e esquerda no Brasil. Ele argumenta que dados da pesquisa mostram nítidas diferenças entre as posições dos parlamentares de partidos ditos de esquerda e de direita. Resta saber o que se entende — depois da queda do Muro de Berlim — por esquerda, direita e centro. O Ibec identificou claramente estas duas posições através de perguntas indiretas a **deputados e senadores**.

Góes analisa que o Congresso é hoje “basicamente liberal, se considerarmos elementos definidores essenciais do liberalismo as noções de que as leis do mercado são mais eficazes do que o controle estatal e de que a convivência internacional, com um mínimo de fronteiras, é um modelo superior ao da autarquização”. Ele acha que “essa posição liberal da elite política do país é um fenômeno novo”, tornando o Congresso bem diferente daquele que fez a Constituição promulgada há menos de cinco anos.

De olho na revisão constitucional, o Ibec quis detectar quais são as tendências dos parlamentares em relação a polêmicas atuais. Perguntados sobre as soluções para os problemas do Brasil, 84% dos congressistas de partidos de direita ou de centro-direita apontam a redução do papel do Estado. Entre os parlamentares de esquerda ou de centro-esquerda, apenas 40% têm esta opinião. A mesma discrepância aparece na pesquisa em relação à abertura da economia ao exterior: 84% dos deputados e senadores de direita ou centro-direita a defendem, enquanto apenas 34% dos parlamentares de esquerda ou centro-esquerda a apoiam. Muito poucos políticos querem aumentar o papel do Estado e nenhum pretende fechar mais a economia ao exterior. Outro dado curioso da pesquisa é que, nestes assuntos, a esquerda tem dúvidas e a direita está convicta: 43% dos parlamentares de esquerda ouvidos pelo Ibec não deram sua opinião e todos os da direita se pronunciaram.

Analisando as mesmas questões sob a ótica



Góes escolheu estatísticos e cientistas políticos para analisar dados

A posição liberal da elite política brasileira, apontada pela pesquisa, é um fenômeno novo, tornando o Congresso bem diferente daquele que escreveu a Constituição, promulgada há menos de cinco anos.

regional — deixando de lado a posição ideológica de cada parlamentar — o Ibec constatou que a bancada do Norte do país é a maior defensora da abertura da economia ao exterior (76%) e a que dá menor apoio à redução do papel do Estado (53%). “É a ideologia da Zona Franca: o estado só se desenvolve se abrir suas

fronteiras. O fato de apenas metade dos parlamentares do Norte apoiarem a redução do papel do Estado não se deve a ideologia. É que eles vivem disso. A máquina pública no Norte é de fundamental importância para eles. O Norte é estatista e internacionalista”, analisa o presidente do Ibec, Walder de Góes.

Apesar de ser tão discutida a disparidade entre o Nordeste e o Sul do país, o quadro traçado pela pesquisa mostra que estas regiões pensam pratica-

mente da mesma forma sobre o papel que deve caber ao o Estado: 70% dos parlamentares do nordeste apoiam sua redução, bem como 70% do Sudeste e 71% do Sul. No Centro-Oeste, são 60%. Quanto a uma maior abertura da economia ao exterior, a bancada sulista é a mais conservadora: apenas 47% apoiam. No Nordeste, são 59% os defensores da abertura, no Centro-Oeste são 60% e no Sudeste, 70%.

Na avaliação do Congresso Nacional como um todo, os resultados são os seguintes: 69% querem reduzir o papel do Estado e 9% querem aumentar; 63% querem abrir mais a economia ao exterior e ninguém quer fechar; 15% dos parlamentares não responderam. Não há diferença significativa entre as posições de deputados e senadores. A Câmara é um pouco mais liberal do que o Senado: 70% dos deputados apoiam a redução do papel do Estado enquanto que no Senado os que defendem esta ideia são 63%. Entre os que têm opinião contrária, os números mostram que a tendência é também mais acentuada na Câmara: 9% dos deputados e 13% dos senadores.